

Coleccionar fósseis

Collecting fossils

Carlos Dias*

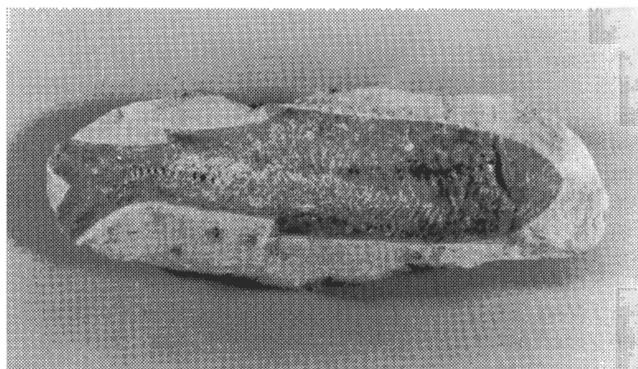
A Paleontologia é a ciência que estuda a vida e a evolução das plantas e dos animais do passado, sendo os fósseis o seu principal objecto de estudo. Fazer a prospecção de fósseis, estudá-los e classificá-los, pode ser um passatempo aliciante, inesgotável e muito enriquecedor, necessitando de um mínimo contacto com a Natureza, duma grande dose de paciência e capacidade de sistematização.

O interesse pelos fósseis já vem desde os homens da Pré-História, tendo sido encontrados em algumas sepulturas, como oferendas ou simbolizando objectos mágicos que acompanhariam os mortos na viagem para o Além.

Xenophanus de Colóphon colecionou fósseis vegetais e conchas na ilha de Paros, no mar Egeu, e observou que os fósseis animais eram diferentes dos da sua época (séc. VI A.C.). Aristóteles (séc. IV A.C.) considerava os fósseis como formas vivas nascidas das rochas sob a acção duma força interior. O fim do séc. XVII marcou o início da Paleontologia científica, com William Smith e Georges Cuvier.

Os fósseis são restos de um ser vivo ou vestígios da sua actividade conservados nas rochas formadas contemporaneamente com ele. A fossilização consiste num conjunto de processos de natureza variada, que conduzem à conservação dos restos ou vestígios dos seres vivos. Da imensidão de seres que povoaram a Terra só uma ínfima parte fossilizou. A grande maioria foi totalmente destruída, decomposta, e a matéria orgânica desagregada após a morte. São necessárias condições especiais do terreno onde o ser vivo foi depositado para que ocorra a fossilização do mesmo. Cada fóssil é um registo único da vida e do meio em idades geológicas antigas e das formas em que a vida evoluiu. É um registo não reproduzível e, se destruído, a sua mensagem morre com ele. Seria como destruir um livro antigo, do qual só existisse uma cópia.

Portugal é um país rico em fósseis. Abundam ao longo da costa, no Algarve e a sul do Cabo Mondego, até ao estuário do Sado. No interior do nosso país, não podemos ignorar as trilobites da Serra de Valongo, conhecidas em todo o mundo, e os fósseis vegetais de algumas minas, como a de S. Pedro da Cova. Em todos os catálogos são referidas as amonites do Cabo Mondego,



não só pela abundância, como também pelo tamanho e qualidade da fossilização.

Pouco é feito em Portugal para divulgação e preservação destas zonas, estando algumas transformadas em explorações, sem qualquer controlo ou vigilância. Nem as autoridades, nem as universidades zelam por estas marcas do passado.

Temos a possibilidade de observar exemplares belíssimos em museus das universidades e nas feiras de minerais, que decorrem anualmente em Lisboa e Porto.

Desde há cerca de 15 anos que coleciono fósseis. Percorri quase todo o País, sobretudo ao longo da costa. Recolhi exemplares ao longo do tempo, tratei-os minuciosamente e cuidadosamente e com bibliografia, que é escassa, procurei classificá-los, descrevê-los e agrupá-los. Consegui ter quase todos os grupos de seres vivos representados e uma grande variedade de marcas fósseis. Sempre que me desloco ao estrangeiro, procuro obter, embora sejam caros, um exemplar, bonito, e que não exista no nosso país. Esta minha actividade constitui uma forma de descontração e, ao mesmo tempo, de estudo.

Terei de continuar e, se possível, juntar mais adeptos ao meu «club».

*Assistente Graduado de Medicina Interna do Serviço de Medicina 1 do Hospital de S. João, Porto